

Hipertexto e Hermenêutica

João Cardoso de Castro*

É lugar comum o deslumbramento com a Internet e com as tecnologias de informação e de comunicação que a sustentam, nos dias atuais. Das críticas alarmistas às apologias sensacionalistas se distribuem os inúmeros trabalhos já desenvolvidos dentro do espectro de opiniões e estudos sobre o impacto individual, social, econômico, político, cultural etc. da Internet.

Nossa contribuição não poderia estar fora deste espectro. A diferença é que nos situamos aquém dos extremos, dentre àqueles poucos estudos que visam compreender um aspecto básico da Internet, sua “linguagem”. Como todo espaço social ou antropológico, o chamado “ciberespaço” também tem uma “língua franca” que garante a comunicação dentro deste espaço. Esta “linguagem” permite a codificação de textos, imagens, gráficos, sons, animações e vídeos sob um formato único, capaz de ser interpretado e apresentado pelos chamados navegadores, que atuam como as janelas que se abrem no computador por sobre a Internet.

Através desta “linguagem” o discurso textual metamorfoseia-se em discurso hiper-

textual, onde o “hiper” traz a conotação de potencialização. Justamente aí abrimos nossa investigação: no processo de desconstrução/reconstrução do discurso textual em discurso hipertextual, uma nova mídia instrumentalizada pela “linguagem” da Internet.

A investigação sobre este processo é premente face aceleração na transformação da “mídia impressa” em “mídia digital”, e, por conseguinte, a transfiguração em um dos fundamentos do “meio cultural”. Diante deste desafio é que propomos esta pesquisa que não só analisa o processo de desconstrução/reconstrução de discursos textuais em hipertextuais, como elabora princípios e métodos que orientem este processo.

O hipertexto é a técnica que eleva o texto a algo além do que ele se apresenta. Por sua aplicação é de se supor que teríamos alcançado algo “maior” que o próprio texto. O texto, por sua vez, é a forma escrita de um discurso. E este, a forma dada pela linguagem ao pensar.

Colocadas estas noções, os objetivos deste artigo se apresentam sob a forma de questões, que não serão respondidas visto que o artigo visa apenas exercitar nossa reflexão em torna desta temática (hipertexto e hermenêutica):

Questão I - elevando o texto a algo superior a si mesmo, estamos também

*João Cardoso de Castro é bacharel em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestrando em Educação em Ciência e Saúde, do Laboratório de Tecnologias Cognitivas, do NUTES/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e coordenador do site www.hyperlogos.bemvindo.net.

promovendo alguma transformação no pensar original de seu autor, que através da linguagem, do discurso, da escrita, chegou à forma daquele texto?

Esta primeira questão pode expressar-se do seguinte modo:

- Literalmente hipertexto significaria elevar ou potencializar o texto a algo superior a si mesmo. Por exemplo, ao elevar um número à sua potência, o número resultante contém o número original repetidas vezes. Da mesma maneira, a passagem do texto ao hipertexto, multiplicaria aquilo que o discurso textual apresenta em termos de seu "con-texto", de suas "extra-conexões" com outros discursos, de suas "intra-conexões" e de seu próprio "dizer" textual; entendendo, é claro, que esta elevação à potência, de um texto original, amplie as possibilidades de entendimento de um leitor.
- A questão que se coloca é se neste processo de "hipertextualização", ou seja, na desconstrução/reconstrução do texto como hipertexto, o pensar original do autor do texto é preservado dentro dos limites já impostos por sua forma textual original; reconhecendo que esta já sofreu as metamorfoses que se deram pela passagem do pensar através da linguagem, do discurso, da escrita, até a sua forma textual.

Nesta reflexão vamos nos ater de preferência a esta questão, concentrando assim no último passo: a passagem do discurso textual ao discurso hipertextual. Esperamos aportar uma contribuição efetiva ao debate necessário e premente sobre os limites da Internet na

disseminação direta de discursos textuais, de qualquer natureza: filosófico, científico ou literário.

Os seguintes aspectos ligados à questão serão abordados:

- A técnica hipertextual apresenta um discurso textual sob a forma de blocos de texto interligados entre si. Estes blocos de texto são provenientes do próprio texto original ou de um acervo ilimitado de conceitos, pensamentos, comentários, críticas, etc., enfim o chamado "aparato crítico" que cerca um discurso textual que tenha se consagrado.
- Os blocos de texto são interligados por termos-chaves, ícones inseridos no texto, marcações sobre frases ou trechos, ou seja, uma série indefinida de remissões possíveis entre o texto original e seu aparato crítico.
- A desconstrução do discurso textual original visando sua construção como discurso hipertextual é um esforço intelectual que requer, além da competência técnica sobre a tecnologia em uso, o hipertexto, um grande domínio sobre o discurso textual e seu aparato crítico, e certamente sobre a área de conhecimento onde se insere este discurso.
- Não há ainda uma metodologia na literatura técnica sobre a aplicação da tecnologia do hipertexto, ou pelo menos nada que se assemelhe a uma metodologia de desconstrução/reconstrução de discursos textuais em discursos hipertextuais.
- A hermenêutica enquanto interpretação de um discurso se apresenta como ca-

paz de oferecer os princípios justos para configuração inicial dos elementos de uma metodologia de desconstrução/reconstrução de discursos textuais em discursos hipertextuais.

- Uma metodologia a ser constituída com base na hermenêutica deve contemplar não apenas aspectos de interpretação do discurso textual e seu aparato crítico como levar em consideração as possibilidades da tecnologia de hipertexto.

Questão II - esta transformação, este “ir além” da forma do texto, se dá por uma justa interpretação do texto original ou responde às determinações da técnica hipertextual, podendo resultar em uma deformação, ou um “ir aquém” do pensar do autor do texto original?

Ao examinarmos os discursos hipertextuais oferecidos pela Internet constatamos que são em grande parte apenas reproduções digitais de discursos textuais. Não há ainda, com raras exceções, discursos hipertextuais, apenas uma aplicação muito simples e até inadequadas da tecnologia de hipertexto.

O problema se agrava na ausência de uma metodologia de desconstrução/reconstrução de discursos textuais em discursos hipertextuais. Na avidez de transpor para Internet o acervo textual de discursos de diferentes origens e espécies, vários profissionais de informática, ou mesmo apenas especialistas na tecnologia de hipertexto têm assumido indevidamente este trabalho. A conclusão é que atualmente a passagem de textos impressos para Internet vem se dando única e exclusivamente sob a regência da tecnologia, gerando na maioria dos casos “hipotextos” e não hipertextos.

Deste modo é imperativo iniciar uma discussão metodológica que permita minimamente orientar este imenso trabalho em curso, de transposição do meio textual-impresso para o meio digital-hipertextual. Quanto mais, dada a importância da Internet como pretensa “base de conhecimento” da humanidade e sua penetração crescente nas diferentes sociedades e culturas.

Isto posto, a segunda questão avança sobre a primeira, pressupondo uma “metodologia hermenêutica” na desconstrução/reconstrução de discursos textuais em discursos hipertextuais. O que nos interessa agora é analisar mecanismos e os possíveis parâmetros requeridos para uma avaliação de uma metodologia desta natureza.

Os seguintes aspectos ligados à questão serão abordados:

- O texto impresso deve passar por uma série de “tratamentos” até sua alcançar uma versão digital fidedigna ao original. Primeiramente, um original de qualidade deve ser processado por um scanner, que captura imagens das páginas do texto impresso. Estas imagens são então “lidas” por um programa que as interpreta de acordo com a língua do texto, gerando um arquivo no formato digital de um programa de processamento de texto como por exemplo, o Word. O texto digital deve então ser lido na tela e comparado com o original, para correção de eventuais erros no processo de “digitalização”. O mesmo processo deve ser realizado com o “aparato crítico” do discurso textual, formando assim um acervo digital correspondente a um discurso textual.

- A partir daí dispomos de uma base sobre a qual é possível aplicar os princípios da hermenêutica elaborados segundo uma metodologia que deve permitir desconstruir o discurso textual original e realizar sua reconstrução como discurso hipertextual. Este é um processo chave cuja consecução depende não apenas de aspectos metodológicos e técnicos, como também de preceitos gerais e específicos do campo de conhecimento onde se insere o discurso textual, que efetivamente orientem esta empreitada.
- Para concluir, é imprescindível a composição de um mecanismo e de um conjunto de parâmetros que possa assegurar a justa avaliação do processo, indicando eventuais ganhos e perdas na transformação do discurso textual em discurso hipertextual.

Questão III - ao elaborar aplicar um novo elo de transformação na ponta final desta cadeia “pensar-linguagem-discurso-escrita-impresso”, ou seja, ao exercer uma co-autoria do discurso, pela configuração técnica na editoração final do texto impresso em hipertexto digital, quais as possibilidades e limites da conjunção autor-discurso-coautor-hipertexto, nesta “trans-formação”?

Finalmente chegamos a hipótese de limites na hipertextualização, enquanto processo acoplado à cadeia tradicional que vai do pensar ao texto. Ou seja, chegamos ao necessário confronto com as possibilidades da desconstrução/reconstrução do discurso textual em discurso hipertextual.

Como mencionando anteriormente, na ausência de uma metodologia interpretação que

conduza este processo, temos o risco de um predomínio da técnica sobre o resultado do processo. Este risco é tanto maior quanto menor for a autoridade daquele que aplica a tecnologia de hipertexto sobre o discurso, seu aparato crítico e sua área de conhecimento. A simples competência técnica do "autor" do discurso hipertextual na tecnologia de hipertexto não assegura a justa desconstrução/reconstrução do discurso de textual para hipertextual.

Não é preciso apenas garantir a transparência do pensar do autor original do discurso textual, assim como do aparato crítico que o acompanha. Faz-se necessário garantir também a possível "potencialização" do discurso textual pela aplicação da tecnologia do hipertexto, sem distorções. Caso contrário, o resultado é inadequado e injustificável.

A nova "mídia" sobre a qual o discurso hipertextual se assenta, tem características muito distintas do texto veiculado em papel impresso. Estas características devem ser reconhecidas e devidamente apropriadas pelo "autor" do discurso hipertextual, sem, no entanto, distorcer o pensar original que passa pelo discurso original e seu aparato crítico.

O discurso hipertextual não deve ser uma reprodução do discurso textual, mas o mesmo discurso veiculado de modo totalmente distinto, segundo as novas propriedades da mídia oferecida pelo computador, enquanto nova tecnologia de informação e comunicação. Não se pode esperar que o "leitor" do discurso hipertextual se posicione com as mesmas expectativas diante desta nova mídia e muito menos se comporte do mesmo modo. Enquanto o chamado "livro eletrônico" é apenas um versão digital do discurso textual, com sérios obstáculos dificultando sua aceitação, o discurso hipertextual

é algo totalmente distinto, com grande potencial de uso se efetivamente potencializar o discurso textual original.

Esta última hipótese vai contemplar os seguintes aspectos:

- as diferenças entre as mídias tradicionais e atuais do discurso, e as considerações necessárias na passagem de uma mídia para outra;
- as possibilidades e os limites da tecnologia de hipertexto e os riscos de sua adoção desregulada;
- as exigências sobre o "autor" do discurso hipertextual e as habilidades e competências requeridas;
- o posicionamento e o comportamento esperados do "leitor" do discurso hipertextual;
- as garantias necessárias para que a regência da desconstrução/reconstrução do discurso textual em discurso hipertextual seja humana e não apenas tecnológica.

As questões mencionadas objetivam nossa proposta de reflexão sobre a aplicação de uma técnica mestre na constituição da atual rede de comunicação mundial, a Internet. Esta reflexão é urgente dada à velocidade que as atividades humanas estão sendo "informatizadas". A rede Internet como uma "teia" (*web* em inglês) parece apreender tudo que toca. Especialmente no meio acadêmico é hoje em dia lugar comum o uso intensivo da Internet para a pesquisa e educação. Mesmo em algumas disciplinas das ciências humanas, que rechaçam de certo modo a técnica,

já se nota um interesse pelas possibilidades de uso da Internet, como veremos ao longo deste trabalho.

Por conseguinte, elaborar um justo entendimento sobre a Internet e seus recursos, nada mais é do que buscar os limites cognitivos desse novo espaço social e dessa nova "linguagem universal" que regula as comunicações humanas. Trata-se também de aferir o "saber" onde este também se apresenta nos dias de hoje, e onde se apresentará cada vez mais nos dias vindouros.

Ao invés de enveredarmos pela crítica frequente à Modernidade e seus produtos técnicos, partimos da efetiva presença da técnica na vida contemporânea e preferimos estudar sua correta aplicação. A carência de princípios e metodologias não exclusivamente tecnológicas, na apropriação da técnica, é a deficiência maior que assola sua aplicação e uso, corretos.

No campo das ciências sociais a disponibilidade na Internet de obras clássicas de autores consagrados, como Marx, Weber e outros, tem se dado como uma simples "transposição" do impresso para o digital, ou seja, a pura reprodução da obra e não sua "transformação". É assim necessário repensar e propor soluções de "virtualização" do acervo de obras clássicas das ciências humanas, através de um processo de hipertextualização, que combine textos e contextos críticos destas obras, assim integradas em um acervo virtual para o estudo e a pesquisa acadêmica das diferentes disciplinas das ciências humanas.

Uma forma de explorar as questões propostas aqui seria entabular uma investigação conduzida a partir de uma pesquisa bibliográfica que permitiria estabelecer o balizamento teórico para seu desenvolvimento.

Nesta pesquisa bibliográfica todo o fichamento realizado seria implementado em um site na Internet, constituindo duas bases: a “base de referências”, apontando e resumindo os artigos, ensaios, livros e sites da bibliografia e a “base de termos e noções chaves” da pesquisa; esta última construída sobre definições e citações dos autores da bibliografia, ora proposta, certamente acrescida de novos autores ao longo da pesquisa.

Os princípios e o esboço de uma metodologia que devem reger o chamado processo de desconstrução/reconstrução de discursos textuais em discursos hipertextuais, seriam configurados a partir do balizamento teórico citado anteriormente e de extensa pesquisa na Internet. Esta pesquisa na Internet deve se concentrar em iniciativas consideradas bem sucedidas em termos de transformação texto>hipertexto. O resultado, indicando e criticando estas iniciativas, também seria incluído no mencionado site da pesquisa, compondo o que poderia ser chamado de “base de hipertextos”.

Um estudo de caso constituiria, juntamente com o site, a parte prática deste estudo. A escolha de uma obra clássica das ciências humanas, traduzida em português, com direitos livres, como por exemplo: o consagrado ensaio de Walter Benjamin, “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”, seria um interessante objeto de pesquisa. Este, sim, seria um exercício prático de construção de hipertexto de discurso textual, combinado com seu aparato crítico. Por fim, seria implementado no site esta construção hipertextual, textos e seus contextos críticos, aplicando e avaliando os princípios e o método propostos, validando assim suas respectivas diretrizes e metodologia.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”, in Luiz Costa Lima, *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Editora SAGA, sem data.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introduction aux sciences de la communication*. Paris : La Découverte, 1998.
- BURKE, Peter & BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CAPURRO, Rafael. *Epistemologia e Ciência da Informação*. <http://www.capurro.de/ny86.htm>
- CAPURRO, Rafael. Foundations of Information Science. Review and Perspectives. <http://www.capurro.de/tampere91.htm>
- CAPURRO, Rafael. *La Hermenutica y el Fenomeno de la Informacion*. <http://www.capurro.de/herminf.html>
- CAPURRO, Rafael & HJØRLAND, Birger. *The Cconcept of Information*. <http://www.capurro.de/infoconcept.html>.
- DEBRAY, Régis. *Manifestos Midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1932-1993.
- EISENSTEIN, Elizabeth. *The Printing Press as an Agent of Change*. New York: Cambridge University Press, 1983-1993.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1972-1995.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LANDOW, George. *Hypertext*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.

OLSON, David R. *The world on paper*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ONG, Walter. *Orality & Literacy - the technologizing of the world*. New York: Routledge, 1997- 1982.